

Haroldo Hollanda

O prenúncio de novo confronto

Um novo confronto político entre o Palácio do Planalto e o PMDB é visto como inevitável por parlamentares de tendências as mais diversas. Paradoxalmente, nos últimos dias, o deputado Ulysses Guimarães revela espírito conciliador e propenso ao entendimento. Considera-se como bastante provável um acordo em torno do Regimento Interno da Constituinte, especialmente no que diz respeito ao seu artigo 57, parágrafo VII, objeto de polêmica e de dúvidas, pois no seu bojo temia o Planalto que estivesse se preparando uma brecha para reduzir o mandato do presidente Sarney. No jantar que teve no último sábado, à noite, com lideranças do PFL, o presidente da República, declarou-se, de forma enfática, interessado em ver o quanto antes definido o problema da duração do seu mandato.

As novas batalhas que colocarão o PMDB e o Planalto em pólos opostos estão relacionadas com problemas diversos, como a decisão do presidente de reforçar a posição do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Santana. Preocupa também ao governo os nomes que serão indicados pelo PMDB para compor a Comissão de Sistematização da Constituinte, órgão de importância política decisiva no trabalho de elaboração constitucional. Finalmente, uma terceira questão chama atenção dos estrategistas políticos do Planalto: a escolha do líder do PMDB na Constituinte. Se depender de Ulysses Guimarães, o nome escolhido, será o de Luiz Henrique, que acumularia essas funções com a de líder do partido na Câmara, para a qual foi anteriormente escolhido em escrutínio direto e secreto, recebendo consagrada votação.

Ocorre, no entanto, que o senador Mário Covas, do PMDB paulista, ambiciona também ser o líder do seu partido, na Constituinte, o que contraria os interesses de Ulysses. De acordo com interpretação dominante, Ulysses não deseja a ascensão de Covas para aquele posto, preocupado em que ele possa despontar como um concorrente de prestígio ao seu nome, não só em São Paulo como na área nacional. Covas possui um bom currículo político: nas eleições passadas foi o candidato a senador mais votado de todo o Brasil; goza de bom conceito geral pelo seu equilíbrio e espírito público; e no agitado período que culminou como a edição do AI-5, em 68, era o líder do antigo MDB na Câmara, até que teve seu mandato e direitos políticos cassados pelos militares. Curiosamente, porém, as esquerdas estão tomando posição a favor de Luiz Henrique e contra Covas.

Não há dúvida de que persiste o clima de mal-estar no relacionamento entre o Planalto e o deputado Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara, o qual ainda não foi superado. Luiz Henrique e seus liderados estão particularmente convencidos de que o governo partiu para uma política que visa ao fracionamento do PMDB como partido. As desconfianças do Planalto em relação a Luiz Henrique cresceram em função de dois acontecimentos: na votação, na semana passada, do projeto do Regimento Interno da Constituinte e no processo da escolha dos vice-líderes do PMDB. Queixam-se os políticos identificados com as posições do governo que Luiz Henrique só estaria escolhendo para vice-líderes parlamentares da esquerda do partido. Por sua vez, os amigos de Luiz Henrique alegam que se ele não tiver condições de escolher os vice-líderes de sua inteira confiança política, não teria como exercer a liderança.

Maioria do governo

Da reunião realizada sábado à noite entre o presidente Sarney e as lideranças do PFL na Câmara e no Senado, se depreende claramente que o governo resolveu constituir uma maioria parlamentar a ele fiel na Constituinte. O presidente da República alega que pretende participar diretamente de todas as conversas e decisões relacionadas com as atividades da Constituinte. Não deseja ser surpreendido, segundo ele, por fatos consumados. Isso significa que o Planalto não engoliu o episódio da última votação do Regimento Interno da Constituinte, que só foi evitado graças à mobilização dos governadores do PMDB, que se articularam com o deputado Carlos Santana, retirando do plenário parlamentares que obedecem à sua orientação.

O deputado Ulysses já refluíu da sua posição política mais agressiva em relação ao governo. Ulysses reafirma sua intenção de procurar fórmulas de entendimento e negociação. Mas o deputado Luiz Henrique, refletindo o pensamento da sua retaguarda política, não denota sintomas de que tenha absorvido os agravos que sofreu em sua própria bancada, desmobilizada pelo Planalto numa iniciativa política coordenada de antemão.

As Esquerdas

A respeito da afirmação feita pelo presidente Sarney às lideranças do PFL em jantar realizado no sábado em Brasília, segundo a qual ele "não é Kerenski para entregar o poder aos adversários", o deputado baiano Virgildásio de Senna, da esquerda do PMDB, comenta a propósito: "Nós estamos em março e não em outubro". Como todos se recordam, a queda de Kerenski e a tomada do poder na Rússia, pelos bolcheviques aconteceu em outubro de 1917.

Governadores

Segundo avaliação de políticos com trânsito no Planalto, o governo só teme encontrar resistências e embaraços políticos no seu relacionamento com dois dos governadores recentemente eleitos: o da Bahia (Waldir Pires) e o do Rio Grande do Sul (Pedro Simon). Quanto ao governador eleito de Pernambuco, Miguel Arraes, informam assessores políticos do presidente que o seu relacionamento com o governo vem sendo muito bom, acima de todas as expectativas. Mas no Planalto, não se acredita em atos de declarados de rebeldia dos governadores eleitos, pois todos irão assumir o poder estadual muito dependentes do governo federal, com caixa baixa e engolfados por problemas financeiros de toda ordem.